



UAç
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES

PARECER

**SOBRE O VALOR PATRIMONIAL FRANCO-AÇORIANO
DE UM BOTE BALEEIRO ORIGINÁRIO DA ILHA DO FAIAL
E ACTUALMENTE NO PORTO DE VILA FRANCA DO CAMPO,
SÃO MIGUEL - AÇORES**

Rui de Sousa Martins

Ponta Delgada

2020

1. CULTURA BALEEIRA DA ILHA DO FAIAL

O porto da Horta, na ilha do Faial, para além de ter sido uma importante base de apoio ao tráfego internacional e à baleação atlântica oitocentista, tornou-se igualmente um centro de construção e reparação naval, nomeadamente de botes baleeiros.

Ao longo do século XX, a ilha do Faial foi um notável e dinâmico espaço industrial baleeiro, cuja atividade transformadora cessou em 1981. As bases materiais desta indústria, outrora florescente, passaram então por um ciclo de abandono funcional que se prolongou até 1984, quando se iniciou o processo político-social de patrimonialização da cultura baleeira da ilha (Pinto, P. Porteiro, F. Porteiro, 2011).

2. TRANSFERÊNCIA DE DOIS BOTES BALEEIROS PARA O SUL DA FRANÇA (Antibes).

Em 1973, por intermédio de Roger de la Grandière, duas canoas da cidade da Horta e outros objetos da cultura baleeira local foram vendidas à empresa Marineland (Antibes), propriedade do industrial e colecionador Roland de la Poype.

As duas embarcações encontravam-se num armazém, onde estavam empilhados oito botes baleeiros, e foram escolhidos entre as consideradas mais antigas por terem as bordas de proa e da popa guarnecidas com aplicações de osso mandibular de cachalote polidas. (Barré, 2003 : 129).

Os documentos referentes à compra dos botes perderam-se num temporal que devastou Marineland em 2015, não se conhecendo também a entidade que os vendeu, nem a documentação referente à sua exportação.

No entanto, o registo da Delegação Marítima da Horta esclarece que apenas foram vendidos para o estrangeiro dois botes baleeiros do Faial, propriedade da empresa Bensaúde & Comp^a.: Veloz (H – 46 BP), registado em 17-06-1903, e Gazela (H-50 – BP), registado em 18-11-1904 (*Identificação... Anexo II*. 2016 : 18,19). Portanto, presume-se que teriam sido estas as embarcações vendidas para Marineland.

3. Processos de patrimonialização dos botes faialenses em França.

Em Antibes, os dois botes da ilha do Faial enriqueceram a notável coleção marítima de Rolando de la Poype (1920-2017), um herói da Segunda Guerra Mundial, onde se distinguiu como piloto de caça, tendo enveredado, com sucesso, pela indústria das embalagens plásticas. Apaixonado pelo mar e pelas culturas marítimas, La Poype reuniu, ao longo da vida, a maior coleção privada europeia de objetos de marinha, juntando cerca de 2.500 peças. Em 1970, em Antibes (Costa Azul, Riviera Francesa), criou o Parc de la Mer Marineland, um parque temático, situado a 300 metros do mar, vocacionado para a zoologia marinha e as atividades lúdicas aquáticas.

As canoas baleeiras faialenses, exibidas em espaço aberto, no Parque de Marineland, representavam e comunicavam a diferença e a excelência das embarcações açorianas utilizadas na captura do gigante dos mares. Consequentemente, as práticas de colecionar do La Poype investiram os dois barcos de valor patrimonial marítimo e a exibição pública permanente no espaço do parque atribuiu-lhes valor do património paramuseológico naval.

Neste contexto de animação pedagógica, uma das canoas desapareceu em condições desconhecidas e a sobrevivente foi restaurada por um carpinteiro naval inglês.

Em 1987, no seu parque temático, La Poype criou o Museu da Marinha de Antibes, cuja missão principal era preservar os animais marinhos. Neste espaço museal, o bote açoriano foi exposto na *sala da baleia* juntamente com artefatos e outros objetos ligados aos cetáceos e à indústria baleeira. Centralizado no espaço expositivo, o bote adquiriu o estatuto de património museológico privado, de nível internacional, num contexto programado de proteção do mar e defesa dos mamíferos marinhos, potenciado, em 1998, pela criação de um Centro de Pesquisa para os Cetáceos do Mediterrâneo.

4. Despatrimonialização e repatrimonialização açoriana do bote faialense.

Em 2006, Roland de La Poype vendeu o parque Marimeland à multinacional espanhola Parques Reunidos, vocacionada para a gestão de parques temáticos e de diversão, mas manteve a propriedade da coleção marítima.

A notável figura de piloto militar, colecionador, empresário e empenhado defensor da natureza marinha faleceu em 2012. Três anos depois, o parque Marimeland sofreu devastadoras inundações e o Museu do Mar foi encerrado. No ano de 2016, os herdeiros de La Poype colocaram o espólio à venda, num leilão realizado em Cannes.

Desta forma, o bote faialense perdeu o estatuto de património museológico privado, iniciando um novo percurso de vida social.

Entretanto, em março de 2017, Alain Braud (1954 -), um empresário e colecionador francês, natural de Avinhão, apaixonado pelos Açores e proprietário de uma casa no concelho de Vila Franca do Campo, na ilha de São Miguel, motivado pelos entusiastas locais da cultura baleeira, conseguiu adquirir o bote de Marimeland e outros objetos ligados à baleação faialense. Graças ao apoio da *Associação de classe do Bote Baleeiro Açoriano (V.F.C.)*, Alain Braud promoveu a transferência do bote para Vila Franca do Campo, onde se encontra abrigado, desde Janeiro de 2018.

Neste processo transcultural franco– açoriano, as narrativas dos atores sociais envolvidos atribuíram ao bote um novo valor

patrimonial, de caráter afetivo, vinculado à baleação histórica açoriana e a práticas de navegação pedagógicas e turísticas, em embarcação baleeira. (Cabral, 2018; Abalain, 2019).

5. O conhecimento técnico e a caracterização morfológica do bote faialense.

Em Vila Franca do Campo, o bote da ilha do Faial, propriedade de Alain Braud, foi abrigado no parque de estacionamento subterrâneo da Vinha da Areia pela Associação de Classe do Bote Baleeiro Açoriano que promoveu o estudo detalhado das suas características, a partir de 2018.

O criterioso levantamento fotográfico foi realizado no contexto de um workshop orientado pela artista fotógrafa Andrea Santolaya (Madrid, 1982 -), a análise técnica e a identificação das madeiras foram efetuadas pelo mestre carpinteiro naval José de Melo (Vila Franca do Campo, 1954 -) e por Luis Miguel Cravinho (Vila Franca do Campo, 1970 -) que elaborou uma base descritiva da embarcação. O estudo das transformações e do estado de conservação da estrutura está a ser desenvolvido pelo conservador – restaurador David Silva, do *Atelier de conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge, Lda*.

De acordo com o trabalho descritivo disponibilizado, o bote baleeiro da ilha do Faial, datado provavelmente dos princípios do século XX, apresenta características tipológicas do bote comum açoriano, mas tem alguns elementos que o distinguem e valorizam, identificando provavelmente uma oficina local: guarnições de osso mandibular de cachalote polidas, na borda da proa e da popa; quebra-mar sobreposto à tábua do logaiéte, duas caixas de

arrumos e configuração do painel de *santinhos padroeiros* à popa. O bote exhibe também o código cromático da armação à qual pertenceu.

6. Valor cultural patrimonial e científico do bote faialense.

O processo transnacional e intercultural franco – açoriano de patrimonialização – despatrimonialização – repatrimonialização do bote faialense decorre da sua transferência da Horta para Antibes (1973) é daí para a ilha de São Miguel (2017).

Em Antibes (Marineland), adquiriu sucessivamente o estatuto de objeto de coleção, com prestígio internacional, de património paramuseológico e de património museológico, sendo despatrimonializado (2016) e novamente patrimonializado, em Vila Franca do Campo (2018), onde tem sido investido de valores patrimoniais afetivos (memoralistas, pedagógicos, lúdicos,...) culturais e antropológicos.

O que torna este bote baleeiro um objeto único na cultura marítima dos Açores é a dimensão intangível do seu percurso de vida e a trajetória patrimonial franco – açoriana que instituíram e consagraram o valor transnacional e intercultural da embarcação.

Por estes motivos, justifica-se imperiosamente a classificação política deste bote faialense, como património baleeiro da Região Autónoma dos Açores.

Ponta Delgada. 25 de novembro de 2020

Rui de Sousa Martins

FONTES CITADAS

Abalain, Marie-Christine. 2019. "Qui reconnaît cette mystérieuse baleinière", *Nice – matin*, 29 février. Antibes.

Barré, Michel. 2003. *Les dernières chasses au cachalot*. Paris, Gerfaut.

Cabral, Rui Jorge . 2018." Francês resgata bote baleeiro dos Açores em leilão num museu", *Açoriano Oriental*, 30 de Janeiro. Ponta Delgada: 1,2.

Identificação dos processos e técnicas de construção do bote baleeiro açoriano. 2016. Angra do Heroísmo, Direção Regional da Cultura.

- Pinto, Márcia Dutra, Pedro M. Porteiro e Filipe M. Porteiro. 2011" Património baleeiro da fase industrial de baleação no Faial: O espólio da Reis & Martins, Lda.", in *O Faial e a periferia Açoriana nos séculos XV a XX. Actas do V Colóquio*. Horta, Núcleo cultural da Horta: 483 – 512.